



9º Congresso de Pós-Graduação

O NOVO ESPÍRITO CIENTÍFICO NA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD

Autor(es)

JESUS DE SOUZA TAVERNARD JUNIOR

Co-Autor(es)

IVONE OLIVEIRA TAVERNARD

Orientador(es)

ELIAS BOAVENTURA E LUZIA BATISTA DE OLIVEIRA SILVA

1. Introdução

Este trabalho de pesquisa se propõe a analisar a concepção de ciência propugnada pelo filósofo francês Bachelard. Parte desse empreendimento teórico se deve, em primeiro lugar, à releitura do texto "Pedagogia da Razão e da Imaginação em Gaston Bachelard", de autoria de Elyana Barbosa e Marly Bulcão. Em segundo, pela apropriação do livro "A Formação do Espírito Científico", obra medular do filósofo do imaginário, no extenso arco que recobre sua epistemologia. Ao investigar os conceitos de "ruptura", "comunidade científica", "dialeiticidade", "continuidade" e "descontinuidade" na história da ciência, Bachelard se depara com duas posturas hermenêuticas que antagonizaram ao longo da tradição filosófica. Trata-se do racionalismo, de um lado e do empirismo, do outro. Cada uma dessas vertentes propuseram, cada qual a seu modo, a esquadrihar a origem, a extensão e a validade do conhecimento. Não obstante, a adesão a uma dessas modalidades representava, como consequência, o aniquilamento da outra. Esse dualismo gnosiológico perdurou até os tempos de Bachelard, e por extensão, viceja pusilânime nos dias de hoje; razão por que propõe um novo estatuto epistemológico para a ciência. Ao reformular o procedimento de investigação da ciência, estabelece uma epistemologia dialógica, mediada pela interação dessas posturas epistêmicas compreendidas hermeticamente.

2. Objetivos

Apresentar a epistemologia que subjaz ao novo espírito científico postulado nos escritos filosóficos de Bachelard. Enfatizar, ademais, os conceitos basilares dessa nova epistême, fundados nos conceitos de ruptura, dialeticidade, racionalismo regional e integrante, cidade científica, continuidade e descontinuidade, termos implicados nesta reflexão.

3. Desenvolvimento

Ao analisar o procedimento das ciências, Bachelard constata a existência de um novo espírito científico em curso no mundo contemporâneo. Percebe, portanto, a necessidade de uma nova filosofia da ciência (???????) que abarque o que o pensamento disjuntivo cartesiano desligou. À medida que postula a necessidade de uma nova epistemologia, põe em evidência a concepção de ciência que pretende ultrapassar. Quais os pressupostos teóricos que davam sustentação a esse antigo espírito científico e que o filósofo do imaginário pretende suplantar?

Em um primeiro aspecto, a razão era pensada como substância fechada/estanque. E toda explicação do real emergia deste modelo formal de racionalidade. Sua filosofia da ciência trata por ultrapassar a concepção cartesiana de inteligibilidade do real, fundada no princípio binário-disjuntivo de apreensão de mundo.

Num segundo aspecto, a realidade material era concebida como algo pronto e acabada, ponto de partida para apreensão do “verdadeiro” conhecimento (alétheia). Entretanto, essas duas concepções de ciência - racionalista de um lado e empirista do outro -, concebidas antagonicamente, redundou numa vertente científica de índole dualista. Operou-se, na teoria do conhecimento, a polarização dessas duas posturas epistemológicas, incorrendo num crasso reducionismo. Uma vertente, de uma parte, separava a razão do real. A outra, desvinculou a realidade da racionalidade.

O racionalismo proclamou, desde a tradição ligada ao platonismo, a supremacia da razão sobre as sensações/experiência (empeireia). O empirismo, por seu modo, superestimou o papel da experiência e da demonstração empírica, infimizando a reflexão especulativa. Bachelard propõe então uma ciência fundada na interação, de natureza dialética. O conhecimento, na contemporaneidade, só pode ser deduzido a partir de uma conexão não-dual. Isto porque a experiência necessita ser interpretada, racionalizada, e razão necessita de uma vinculação prática, senão será uma abstração pura, destituída do real. No novo espírito científico proposto por Bachelard:

- a) Razão e realidade estão intimamente ligadas: são aspectos de uma mesma realidade.
- b) Não se pode mais falar em termos de racionalismo nem de empirismo (posturas dicotômicas) e, sim, em dialeticidade.
- c) O fazer científico, agora, vem ritmado pela “alternância” do a priori e do a posteriori. Isto porque o empirismo necessita de explicitação; e o racionalismo, de ser aplicado na dimensão concreta da vida.

Conforme a epistemologia de Bachelard, empirismo e racionalismo se relacionam dialeticamente. Urge dialetizar o pensamento. Embora se constituam perspectivas filosóficas diferenciadas, razão e sensação são complementares, posturas de apreensão do real intrinsecamente relacionadas e não apartadas uma da outra.

Trata-se, nessa elaboração, da vinculação entre teoria e prática, ou do papel que estas duas representam e das implicações diretas no campo da ciência. Na epistemologia bachelardiana, não há espaço para RAZÃO versus EXPERIÊNCIA. É o fim do subordinacionismo e hierarquização dos saberes.

4. Resultado e Discussão

Bachelard, com sua epistemologia, chama nossa atenção para o estabelecimento de um novo racionalismo, denominado de Racionalismo Regional, que se quer um racionalismo aplicado. Trata-se de uma filosofia aberta a qual sugere. A promulgação de um novo racionalismo, que não se limita aos conceitos, princípios ou leis. Mas se visibiliza pelo alcance de sua aplicabilidade na dimensão concreta da vida (Barbosa e Bulcão, p. 33). É um racionalismo que admite o diálogo com a experiência, ou seja, a relação entre sujeito perceptivo com os objetos da percepção.

O conceito de racionalismo integrante e regional desembocará no conceito de cidade científica. O sujeito que faz ciência está inserido em uma comunidade. Nesta comunidade acadêmica, o sujeito racional pertence a uma cidade científica. Neste ínterim, não faz sentido falar em sujeito individual. “Todo individualismo será um anacronismo” (Bachelard). Essa afirmação é interessante porque o sujeito, o indivíduo enquanto tal, como sujeito de direitos políticos e obrigações, detém certa autonomia sobre si mesmo segundo o axioma kantiano.

Autonomia não elide com heteronomia. E é justamente contra esse conceito que Bachelard se volta para inserir, no bojo dessa discussão, o princípio de que só tem validade o conhecimento se receber a validação de uma comunidade. O conhecimento científico necessita ter seu valor social bem definido. A construção solitária, solipsista, não se constitui em um trabalho científico, nessa cidade do conhecimento. Os problemas, teorias e axiomas são criações dessa cidade. O cientista precisa estar inserido na cultura e deixar amalgamar-se por ela. A nova ciência não dá lugar ao trabalho personalista.

Nessa cidade também é inevitável a especialidade. É a cidade científica que fomenta as especializações. Mas, ao favorecê-las, não as tornam mutilações do conhecimento. Mesmo que se perca a visão da totalidade é irremediável a especialidade. “À medida que se especializa, o espírito se abre, parece um paradoxo” (Bachelard).

5. Considerações Finais

Assim, a filosofia do novo espírito científico deve possuir a justa medida (????????) do racional e do empírico, de promover a interação do saber, regida pela dialeticidade, cuja culminação repousa na aprovação de um grupo de especialistas que validará o que se pesquisa no interior desta cidade do conhecimento.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, Elyana e BULCÃO, Marly. Pedagogia da Razão e da Imaginação. Petrópolis: Vozes, 2004.